

Domingo, 19 de Outubro de 1958

RUBEM BRAGA

A MARCHA-À-RÉ

NUNCA simpatizei com essa idéia da «Marcha da Produção», embora a ache interessante pelo mesmo motivo que faz tremer o honrado sr. José Maria Whitaker quando ele diz à lavoura: «não incite ela própria seus colonos à revolta».

Praticamente todos os partidos políticos brasileiros falam em «reforma agrária» e ninguém faz coisa alguma. O motivo é simples: o principal interessado, o trabalhador agrícola, não se mexe. Essa marcha empreendida pelos fazendeiros poderia despertar colonos e camaradas para o gosto da ação.

O govêrno tem errado muito, mas isso não quer dizer que os fazendeiros estejam com toda a razão. Se o govêrno fôsse fazer tudo o que eles querem, a economia nacional sofreria um choque tão sério que arruinaria a nossa indústria e criaria uma crise social incontrolável. O que não é possível, entretanto, é proibir que se faça essa marcha essencialmente pacífica. Essa mobilização do Exército, aparatosa e histérica, é uma medida antidemocrática. Não nos interessa se o sr. Lucas Lopes «assuma a responsabilidade» de ter pedido essa tolice. O govêrno não tem o direito de impedir que membros de uma certa classe se dirijam fisicamente à capital do país para protestar ou pedir providências.

O Exército tem funções bem mais altas do que essa de impedir que os ouvidos ministeriais e presidenciais sejam incomodados. Houve, pelo menos, um excesso de zelo, pois a rigor ninguém acredita que os lavradores fôssem praticar desordens.

O pior, entretanto, é que tudo isso é um simples reflexo da mania dos tempos, que é bater às portas do Palácio da Guerra. Esperemos que os lavradores tenham compreendido que isso nem sempre resolve. Às vêzes resulta em marcha-à-ré.